

## Dar Conta de Tudo: Pandemia, Trabalho Reprodutivo e Cuidado Afetivo-Emocional

Luiza Caetano Affonso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Camila Peixoto Farias<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Giovana Fagundes Luczinski<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** Este artigo aborda os desafios narrados por mulheres trabalhadoras durante o contexto inicial da pandemia de covid-19, com relação à intensificação do trabalho doméstico e de cuidado, expondo uma dimensão ainda mais invisibilizada dessa longa lista de tarefas: o cuidado afetivo-emocional. O trabalho reprodutivo, historicamente designado às mulheres na divisão sexual do trabalho, é a base do sistema capitalista e consiste em responsabilidades tanto materiais quanto imateriais. Sua não remuneração e naturalização como algo feminino esconde a sobrecarga extenuante desse complexo trabalho e agrava as desigualdades de gênero e raça. A discussão aqui apresentada se deu a partir de um recorte da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres”, articulando dados quantitativos e qualitativos, numa triangulação metodológica entre abordagens da psicologia e as teorias feministas alicerçadas no materialismo histórico. Foram analisadas as respostas de 584 mulheres quanto aos maiores desafios vividos naquele período, por meio de um questionário divulgado de forma virtual. As análises cruzaram dados relativos a renda, maternidade, raça e sexualidade, articulando-os ao conteúdo das respostas dissertativas. As narrativas evidenciaram diferentes dimensões do cuidado voltado a filhos, familiares, parentes e pessoas próximas como os maiores desafios enfrentados pelas respondentes, expondo a necessidade de desgenerificar o trabalho doméstico em direção à responsabilização coletiva.

**Palavras-chave:** Trabalho Reprodutivo, Cuidado, Pandemia, Gênero, Psicologia.

---

### Taking Care of Everything: Pandemic, Reproductive Work, and Emotional Care

**Abstract:** This study addresses the challenges narrated by working women during the initial context of the COVID-19 pandemic regarding the intensification of domestic and care work, exposing an even more invisible dimension of this long list of tasks: affective-emotional care. Reproductive work, historically assigned to women in the sexual division of labor, constitutes the basis of the capitalist system and consists of material and immaterial responsibilities. Its lack of remuneration and naturalization as something “feminine” hides the exhausting overload of this complex work and worsens gender and racial inequalities. The discussion in this study was based on an excerpt from the research “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”, articulating quantitative and qualitative data in a methodological triangulation between psychological approaches and feminist theories based on historical materialism. The responses of 584 women were analyzed regarding the biggest challenges they experienced during that period via a virtual questionnaire. Analyses crossed data relating to income, motherhood, race, and sexuality, linking them to the content of the essay responses. The narratives highlighted the dimensions of care aimed at children, family members, relatives,

and close ones as the biggest challenges faced by respondents, exposing the need to degender domestic work toward collective responsibility.

**Keywords:** Reproductive Work, Careful, Pandemic, Gender, Psychology.

---

## Hacerse Cargo de Todo: Pandemia, Trabajo Reproductivo y Cuidado Afectivo-Emocional

**Resumen:** Este artículo aborda los desafíos narrados por las mujeres trabajadoras durante el inicio pandemia de Covid-19, en relación con la intensificación del trabajo doméstico y de cuidados, exponiendo una dimensión aún más invisible de esta larga lista de tareas: el cuidado afectivo-emocional. El trabajo reproductivo, históricamente asignado a las mujeres en la división sexual del trabajo, es la base del sistema capitalista y consta de responsabilidades tanto materiales como inmateriales. Su falta de remuneración y naturalización como algo “femenino” oculta la sobrecarga agotadora de este trabajo complejo y agrava las desigualdades de género y raciales. La discusión aquí presentada se basó en un extracto de la investigación “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”, articulando datos cuantitativos y cualitativos, en una triangulación metodológica entre enfoques psicológicos y teorías feministas basadas en el materialismo histórico. Se analizaron, a través de un cuestionario publicado en línea, las respuestas de 584 mujeres sobre sus mayores desafíos durante ese período. Los análisis cruzaron datos relacionados con los ingresos, la maternidad, la raza y la sexualidad, vinculándolos con el contenido de las respuestas textuales. Las narrativas resaltaron diferentes dimensiones del cuidado dirigido a niños, familiares, parientes y personas cercanas como los mayores desafíos enfrentados por las encuestadas, exponiendo la necesidad de desgenerizar el trabajo doméstico hacia la responsabilidad colectiva.

**Palabras clave:** Trabajo Reproductivo, Cuidados, Pandemia, Género, Psicología.

### Introdução

A pandemia de covid-19, anunciada oficialmente em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), expôs de forma decisiva as contradições da sociabilidade burguesa. Para além de uma crise sanitária ou biológica, trata-se de uma crise eminentemente social e histórica (Mascaro, 2020), que encontrou no Brasil um cenário político que intensificou seus impactos catastróficos. As consequências da pandemia de covid-19, especialmente em países do Sul Global, como o Brasil, aprofundaram as desigualdades sociais e expuseram uma das facetas mais cruéis do patriarcado-racismo-capitalismo<sup>1</sup>: a expropriação do tempo integral das mulheres trabalhadoras para a manutenção e o acúmulo de capital.

Os primeiros meses da pandemia, compreendidos como período de quarentena devido às medidas restritivas, foram marcados por adaptações e incertezas. O distanciamento social, a angústia, o medo e a ausência de previsões sobre as vacinas, além do pouco conhecimento sobre o vírus e sua forma de contágio, fizeram deste um contexto especialmente crítico. No Brasil, com o Decreto nº 10.282, tivemos o fechamento de instituições não consideradas essenciais à manutenção direta da vida, como escolas, creches, academias, órgãos dos setores públicos e privados. Durante esse período, as atividades relacionadas aos trabalhos de cuidado, como serviços de saúde, assistência social e atendimento à população em estado de vulnerabilidade foram priorizadas por seu caráter essencial à sobrevivência. Todavia, mesmo adquirindo

---

<sup>1</sup> Heleieth Saffioti (1987) argumenta que, ao longo da história, os três sistemas de dominação-exploração “patriarcado”, “racismo” e “capitalismo” se fundem de maneira inseparável em um único sistema denominado “patriarcado-racismo-capitalismo”, tornando o raciocínio da priorização de um sistema pelo outro, em que o segundo assume a função de qualificar o primeiro como “capitalismo racista”, um equívoco.

grande importância social nesse contexto, o trabalho de cuidado continuou recaindo preponderantemente sobre as mulheres, sem que isso se refletisse em maior valorização, visibilidade, salário ou respaldo institucional. As mulheres que tiveram a oportunidade de trabalhar de forma remota experienciaram o trabalho remunerado adentrar o espaço doméstico, diluindo a separação entre público e privado e intensificando as múltiplas jornadas (Lemos Barbosa, & Monzato, 2020). Essa situação expôs o que se tenta encobrir no ambiente privado do lar quanto ao trabalho reprodutivo: sua carga extenuante e interminável.

O trabalho reprodutivo é aquele que não produz imediatamente mercadorias (Góis, 2019), um trabalho invisível, desvalorizado e desempenhado majoritariamente por mulheres na forma de trabalho doméstico não remunerado ou mal remunerado, quando terceirizado. É o trabalho que consiste na produção do produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho (Federici, 2019). Para Federici (2019), a condição de não remuneração do trabalho doméstico exercido no próprio lar fortalece a ideia de que as mulheres o fazem por amor e que é da natureza feminina exercê-lo. Assim, o trabalho doméstico foi transformado em “um atributo natural da psique e da personalidade femininas” (Federici, 2019, p. 42), ao invés de ser reconhecido como trabalho. É importante pontuar que manter e reproduzir a vida social vai muito além de limpar a casa; consiste em “. . . servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia” (Federici, 2019, p. 68), além de cuidar de crianças, idosos e outros familiares. O trabalho reprodutivo apresenta, portanto, diversas dimensões e camadas. Neste artigo, nossa atenção se dirige a uma das dimensões do trabalho reprodutivo ainda mais invisibilizadas: o cuidado afetivo-emocional – parte fundamental das tarefas do cuidado, principalmente em momentos de catástrofes sanitárias e psicossociais<sup>2</sup> como a pandemia (Sá, Miranda, & Magalhães, 2020). É também por essa razão que a visibilidade sobre o cuidado afetivo-emocional se faz urgente, por meio da descrição e definição das suas especificidades. Além disso, no

<sup>2</sup> Diferentemente das definições de catástrofe apoiadas nas ciências naturais ou exatas, como apontado por Sá, Miranda e Magalhães “no caso da covid-19, a dimensão coletiva do trauma é vivida como uma ruptura catastrófica, uma catástrofe não apenas sanitária e social, mas uma catástrofe psicossocial” (Sá et al., 2020, p. 33).

âmbito do feminismo marxista, que discute as relações de trabalho, essa dimensão, especificamente, ainda é pouco abordada.

A relevância da temática do cuidado tem investigado pesquisadoras feministas há décadas, mostrando que sua definição e compreensão nos mais diferentes campos carregam implicações éticas e políticas (Bellacasa, 2012; Tronto, 2007). Na literatura científica recente sobre trabalho reprodutivo e trabalho doméstico, é possível encontrar artigos e pesquisas que abordam o cuidado e a feminização dessa tarefa, bem como sua intensificação no período pandêmico (Lemos et al., 2020; Menezes, Sá Neto, & Ferreira, 2020; Silva, Cardoso, Abreu, & Silva, 2020). As pesquisas encontradas sobre os impactos da pandemia por uma perspectiva de gênero apresentam a dimensão do trabalho, do cuidado, da desigualdade, da violência doméstica, da maternidade e da sobrecarga (Araújo & Lua, 2021; Lobo, 2020; Oliveira, 2020; Paiva & Cabral, 2020). Todavia, são poucas as que aprofundam, ou mencionam, a dimensão do cuidado afetivo-emocional como um tipo específico de trabalho de cuidado exercido por mulheres.

Dar atenção, monitorar, se preocupar, acalmar, ouvir, confortar, mediar, entreter, orientar, são algumas das atividades que o cuidado afetivo-emocional abarca. Sobre essas tarefas não mensuráveis, a historiadora e referência na teoria da reprodução social Tithi Bhattacharya aponta que

qualquer pessoa que já tenha tido que acalmar uma criança depois de um dia duro no seu próprio local de trabalho ou descobrir como cuidar de um pai ou mãe idoso depois de um turno exaustivo sabe o quanto essas tarefas aparentemente não-materiais são importantes (2019, p. 104).

Uma curiosidade encontrada ao longo dos estudos sobre o trabalho reprodutivo é que em alemão o termo “*Sorgearbeit*”, que significa “trabalho de cuidado”, também pode ser traduzido como “trabalho de preocupação”, revelando a camada de carga mental e afetiva presente nas tarefas do cuidado. Cabe aqui fundamentar a escolha de usar o termo “afetivo-emocional” para tratar do fenômeno que abordaremos neste artigo, com a intenção de localizá-lo como parte do trabalho doméstico desempenhado nos espaços familiares. O conceito de “trabalho emocional” formulado pela socióloga estadunidense

Arlie Hochschild (1983) também aborda a gestão das emoções, porém na esfera do trabalho produtivo em diversas profissões, em que esse trabalho emocional é vendido por um salário e, portanto, tem um valor de troca (Hochschild, 1983, p. 7, citado por Bonelli, 2004, p. 357). A autora utiliza termos sinônimos, como “trabalho das emoções” ou “administração das emoções”, para se referir a esses mesmos atos em um contexto privado onde eles têm valor de uso (Bonelli, 2004, p. 358). No Brasil e em Portugal, vemos o termo “trabalho emocional” utilizado em estudos voltados para aspectos do exercício profissional nas áreas sociais (Bolzan, 2015) e dos cuidados em saúde (Diogo, 2012; Freitas, Costa, Diogo, & Gaíva, 2021; Vilelas & Diogo, 2014). Já Federici (2022), ao citar os estudos de Hochschild nos seus escritos sobre trabalho reprodutivo, serve-se do termo “trabalho afetivo” ou “trabalho emocional/afetivo” (Federici, 2022, p. 262). Desse modo, optamos pelo uso do “cuidado afetivo-emocional” para melhor descrever o grau de envolvimento afetivo das mulheres no trabalho emocional desempenhado no âmbito do trabalho reprodutivo.

O debate aqui proposto refere-se à análise de dados de uma parcela das respondentes da pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres*. Diante dos desafios do isolamento social dos meses iniciais da pandemia, formou-se uma parceria entre três laboratórios de pesquisa em psicologia: Pulsional, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), *Epoché* (UFPel) e Marginália, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolvendo um questionário on-line disparado por meios virtuais, que contou com a resposta de quase 6 mil mulheres. O recorte aqui apresentado faz parte de uma sequência de estudos voltados ao trabalho reprodutivo, analisando como essa dimensão aparece nas narrativas de 584 respondentes. Foi escolhida para análise, mais especificamente, a seguinte pergunta: “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de covid-19?”. Essa questão do formulário da pesquisa revelou diferentes dimensões do cuidado voltado a filhos, familiares, parentes e pessoas próximas como uma tarefa oculta dentro do complexo e já invisibilizado quadro de responsabilidades do trabalho reprodutivo.

Nesse sentido, parece importante refletir sobre o cuidado afetivo-emocional como parte do trabalho reprodutivo não remunerado, cumprido por mulheres trabalhadoras no contexto da pandemia e para além

dele, cujas repercussões culminam na esfera da saúde mental. Partindo de reflexões no âmbito da psicologia, almejamos contribuir para o campo de estudos da reprodução social e para a formação teórico-política da luta feminista que visa enfrentar as desigualdades de gênero no trabalho de cuidado.

## Processo da pesquisa e metodologia

A pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres* foi desenvolvida entre os meses de abril e junho de 2020, fruto da inquietude de não encontrar nas narrativas hegemônicas a pluralidade de realidades vivenciadas por mulheres durante a pandemia. Foi elaborado um instrumento virtual, em forma de questionário, que permitisse respostas objetivas, mas também o compartilhamento de experiências, histórias e sentimentos vividos nesse período. Em seguida, o questionário on-line foi divulgado em diferentes plataformas com um convite a mulheres para compartilharem, de forma anônima, angústias, prazeres, desafios, resistências e percepções sobre suas vidas durante a pandemia. A preservação da identidade das participantes e sua proteção quanto aos riscos ou perdas fazem parte das considerações éticas da pesquisa, que só foi divulgada após a aprovação do comitê de ética da instituição de ensino à qual está vinculada (CAAE: 31203220.3.0000.5317). Contendo perguntas diretas sobre idade, cor/raça, orientação sexual e renda, além de questões abertas e reflexivas sobre as mudanças enfrentadas nesse contexto, o questionário ficou disponível por 15 dias, tendo a surpreendente adesão de quase 6 mil participantes. Esse amplo interesse sugere que o instrumento se constituiu como um campo acolhedor para os relatos das diferentes realidades apresentadas pelas respondentes, produzindo uma riqueza de narrativas compartilhadas de dentro do contexto pandêmico e que estão sendo analisadas pós-pandemia. Através da perspectiva de gênero em constante articulação com raça, classe, orientação sexual, idade e maternidade, a pesquisa possibilitou o conhecimento das repercussões subjetivas relacionadas ao contexto inicial da pandemia e para além dele, nas diferentes encruzilhadas (Akotirene, 2018) que localizam as respondentes e as pesquisadoras. Somos mulheres brancas, cisgênero, psicólogas e pesquisadoras de uma universidade pública no Sul do Brasil. Engajada socialmente no tema da pesquisa e na desnaturalização dos processos sexistas e racistas evidenciados pelas respostas

analisadas, esta investigação se potencializa como ferramenta na luta contra essas violências.

O estudo foi realizado por pesquisadoras vinculadas à psicanálise e à fenomenologia, que assumem uma posição parcial, situada e corporificada frente aos dados-fenômenos e à implicação com o que se propõem a pesquisar (Haraway, 1995). A costura entre essas perspectivas ocorre a partir de uma análise clínico-qualitativa (Turato, 2013) alicerçada socialmente, que localiza tanto as pesquisadoras quanto as respondentes de forma interseccional. As discussões empreendidas também se ancoram no materialismo histórico, por meio das teóricas feministas, situando as opressões em facetas da existência material. Distante de um modelo tradicional de ciência, que busca resultados verificáveis e replicáveis, ou mesmo uma pretensa neutralidade, esta pesquisa não objetiva universalizar ou oferecer respostas definitivas, mas se deixar afetar pelas narrativas das participantes e observar as reverberações que o encontro com os dados produz.

O fazer científico na perspectiva localizada descreve os processos do percurso metodológico, situa saberes, levanta interpretações possíveis e as coloca em diálogo com as teorias. Nesse sentido, a psicóloga e pesquisadora Sofia Favero (2020) aponta a necessidade de ir além da localização esvaziada de quem escreve, em direção a uma persistente análise sobre o contato de si com o outro. Dessa forma, a escrita posicionada se desloca para os encontros e para uma preocupação ética “que deixa de ser expressa em ‘culpa’ ou ‘receio’ quanto ao uso dos dados” (Favero, 2020, p. 12) e passa a ter centralidade nos efeitos gerados por um encontro contextualizado e pela responsabilidade assumida (Kilomba, 2019).

Dentro do amplo conjunto de dados coletados na pesquisa supracitada, o recorte escolhido para este estudo abarca 584 respondentes, contemplando os seguintes marcadores: renda, raça, maternidade, orientação sexual e trabalho. Assim, foram configurados dois grupos de análise com as seguintes características: (1) mulheres brancas, heterossexuais, mães, de baixa renda (de 0 a 4 salários mínimos), que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidavam de filhos e outros familiares; e (2) mulheres negras, heterossexuais, mães, de baixa renda (mesma renda citada), que continuaram trabalhando durante a pandemia e que cuidavam de filhos e de outros familiares.

Entre elas, 135 mulheres se declararam negras e 449 mulheres se declararam brancas. As respostas analisadas referem-se à seguinte questão do instrumento de coleta de dados: “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de covid-19?”. Diante dos múltiplos relatos, generosamente compartilhados e lidos na íntegra pelas pesquisadoras, se constituiu a etapa de agrupar aqueles que mais afetaram e impressionaram por seu conteúdo. Sem buscar previamente na teoria as temáticas evidenciadas, foram percebidas unidades de sentido por meio da narrativa transferencial, que dá a marca da singularidade ao que se descobre e ao que se cria (Figueiredo & Minerbo, 2006). Por meio das unidades, pontos de tensão e concórdâncias, iniciou-se o processo de encontrar/construir eixos que abarcavam as respostas selecionadas, para então traçar as discussões e os diálogos teóricos. Cabe salientar que os relatos apresentados de forma literal neste artigo foram referenciados de acordo com o número do questionário preenchido de maneira anônima. Entre os eixos encontrados na análise, nos dedicaremos a discutir neste artigo aquele que expressa o cuidado afetivo-emocional como mais uma dimensão do trabalho reprodutivo.

### O cuidado afetivo-emocional

Acreditamos, juntamente com Elsa Dorlin (2021, p. 16), que é preciso “desindividualizar as vivências das mulheres, reconhecendo em cada uma dessas vivências individuais as múltiplas expressões de uma condição social e histórica comum”. Quando lemos os relatos seguintes<sup>3</sup>, fica nítida a dimensão coletiva presente nas vivências singulares.

*“Manter todos ocupados e positivos” (19).*

*“Preservar a harmonia em casa” (22).*

*“Manter a sanidade mental, tanto minha quanto da minha família” (24).*

*“Ajudar meu filho a vencer a depressão” (13).*

*“Deixar minha mãe feliz, calma, com controle emocional” (54).*

Ao analisarmos essas narrativas, percebemos uma dimensão do trabalho reprodutivo que ganha contornos, evidenciada pelas palavras dessas mulheres: o cuidado afetivo-emocional. Diferentemente

<sup>3</sup> Neste texto, optamos por demarcar as narrativas das respondentes de acordo com o número pertencente ao formulário e entre aspas.

das atividades práticas do trabalho de cuidado, como alimentação e limpeza, o cuidado afetivo-emocional sequer pode ser mensurado ou calculado, como acontece no debate proposto pela economia do cuidado<sup>4</sup> (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], 2016) acerca das jornadas domésticas. Consideramos que seu exercício se desdobra em um cuidado em saúde mental exigido das mulheres, tanto no que se refere aos vínculos familiares como de pessoas próximas, amigos, vizinhos e colegas.

A crítica feminista à teoria do valor do trabalho desenvolvida por Marx vem apontando questões que por muito tempo foram ignoradas acerca das atividades que reproduzem a vida. A perspectiva feminista colocou no centro do debate a necessidade de redefinir o que constitui o trabalho “tornando visível uma série de atividades irredutíveis à mecanização, que são essenciais à vida e nas quais, ainda assim, o marxismo nunca tocou” (Federici, 2021, p. 16). Na obra *Reencantando o mundo*, Federici (2022) discorre sobre a questão e afirma que

. . . o ponto de vista do feminismo possibilitou o reconhecimento de que a “vida cotidiana” não é um complexo genérico de eventos, atitudes e experiências em busca de uma ordem; é uma realidade estruturada, organizada em torno de um processo específico de produção – a produção de seres humanos (p. 255).

Da mesma forma, as epistemologias feministas e a crítica mais ampla do feminismo pós-marxista (Dorlin, 2021, p. 19) incidem na sistemática negligência da filosofia marxista com uma parte significativa da realidade e a redução do patriarcado ao sistema de produção capitalista, ignorando o trabalho reprodutivo. Essa análise parcial das realidades é determinada a partir das condições materiais específicas dos sujeitos do conhecimento, cuja maioria são homens e, portanto, reflete um privilégio epistêmico que naturaliza a divisão sexual do trabalho. Ao desenvolver o conceito de “ponto de vista” ou “posicionamento feminista” a filósofa e feminista materialista Nancy Hartsock (1983) denuncia essa postura de conhecimento desencarnada e propõe como projeto epistemológico a valorização do

conhecimento produzido a partir das condições materiais de existência das mulheres. Assim, o posicionamento feminista transforma a experiência depreciada e invisibilizada das mulheres em saber, produzindo um saber que politiza a divisão sexual do trabalho (Dorlin, 2021, p. 23) na mesma medida em que desmascara a pretensa neutralidade científica.

Segundo a pesquisa *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*, as mulheres passaram a exercer ainda mais o trabalho de cuidado no período de isolamento social. Publicada em 2021, a pesquisa indica que 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa. Entre essas mulheres, 80,6% passaram a cuidar de familiares, 24% de amigos/as e 11% de vizinhos, e, entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas com deficiência, 72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia durante a pandemia. A pesquisa também aponta que “em casa, os tempos do cuidado e os tempos do trabalho remunerado se sobrepõem no cotidiano das mulheres: mesmo enquanto realizam outras atividades cotidianas, seguem atentas” (Bianconi et al., 2020, p. 12). Cabe destacar que essa é uma realidade vivenciada por mulheres que puderam fazer o isolamento social, com adoção do trabalho remoto, que são em grande maioria mulheres brancas.

Na esfera do trabalho reprodutivo não remunerado, e como parte do trabalho doméstico do cuidado, localizamos a análise do cuidado afetivo-emocional apresentada neste artigo sob a perspectiva da feminização desse cuidado ser ainda uma realidade e, portanto, uma questão de gênero. Historicamente, essa exigência ética tem sido feita às mulheres, na medida em que as atividades do cuidado e a preocupação internalizada como uma responsabilidade feminina se tornam valores morais seguidos, muitas vezes, sem questionamento (Silva et al., 2020). A filósofa Elsa Dorlin (2021) aborda os estudos de Carol Gilligan sobre a “ética do *care*” ligada ao sentimento de solicitude, cuidado e preocupação com os outros, presente nas mulheres, discutindo-a em relação à “ética da justiça” baseada em princípios morais abstratos e universais, atribuída aos homens, e apontada como estágio mais avançado do desenvolvimento moral. Dorlin

<sup>4</sup> “Essa proposta analítica e conceitual tem por finalidade medir, dimensionar e visibilizar o cuidado, incorporar seus setores provedores nas análises econômicas e também interpelar tanto o funcionamento do sistema econômico quanto as maneiras como ele é interpretado” (Ipea, 2016, p. 16).

(2021) ressalta que a “ética do *care*” não constitui um degrau abaixo da moralidade, e sim uma ética ignorada pela filosofia da moral e da justiça, capaz de fazer “repensar as próprias estruturas da ética a partir de uma visão, de uma posição de *caring*” (Dorlin, 2021, p. 27). No mesmo sentido, a cientista política e feminista Flávia Biroli (2014) ressalta a força moral da ética do cuidado, na medida em que seu ponto de partida são as relações que constituem os indivíduos, e não o contrário. Biroli (2014) também se fundamenta em Gilligan para afirmar que “a correlação entre uma perspectiva – e sensibilidade – feminina e uma ética orientada pelas relações e pelo cuidado produziria o fundamento moral e ético para relações humanas menos violentas” (Miguel & Biroli, 2014, p. 51).

Nas narrativas a seguir, é possível identificar como o cuidado vai muito além de ações práticas, pois consiste em uma tarefa assimilada e naturalizada pelas mulheres como sua responsabilidade, sendo o cuidado afetivo-emocional uma camada dessa complexa tarefa. Os relatos (19) e (22) de participantes negras e (24), (48) e (310), de participantes brancas, apontam para essa questão ao responder à pergunta sobre os maiores desafios das mulheres frente à pandemia de covid-19:

“Manter todos ocupados e positivos” (19).

“Preservar a harmonia em casa” (22).

“Manter a sanidade mental, tanto minha quanto da minha família” (24).

“Manter a relação com meu filho saudável e compreender os sentimentos dele, mesmo enfrentando meus próprios conflitos; manter a vida organizada e conciliar o cuidado” (48).

“Acho que os maiores desafios são manter uma rotina que seja satisfatória a todos os componentes da casa, entre estudar e trabalhar e lazer” (310).

Em meio a uma pandemia, assumir a responsabilidade de manter a harmonia da casa e a sanidade de todos na família pode ser considerada uma tarefa hercúlea, que arranca a humanidade das mulheres, invisibilizando seu próprio sofrimento, medo e vulnerabilidade frente aos riscos e incertezas. O relato (48) exemplifica algumas das várias camadas de trabalho subjetivo que o cuidado afetivo-emocional demanda, especialmente em momentos de crise. A participante fala do trabalho de manter saudável a relação com o filho, sendo compreensiva com os sentimentos dele,

mesmo enfrentando os próprios conflitos, e a necessidade de manter a vida organizada, ainda que o restante do mundo estivesse em completo caos. Não por acaso, a maioria das narrativas que se referem aos principais desafios enfrentados pelas mulheres apontam para a dificuldade dessas tarefas do cuidado em meio às múltiplas jornadas. Outra resposta, de uma participante branca, também revela a responsabilização exclusiva das mulheres com o bem-estar e a organização da vida de todos da família: “Manter a calma. Minha e de minha família. As crianças estão ansiosas e agitadas. Marido inseguro. E eu, a mãe/esposa, segurando firme” (169).

O relato (169) possibilita alguns questionamentos importantes: qual é o custo (termo usado para referenciar a economia do cuidado) em termos psíquicos de “segurar firme” por todos da família? Quanto esforço, energia, tempo e saúde são despendidos na tarefa de manter a própria calma e a dos que a cercam? E a insegurança, a ansiedade e a agitação dessa mãe/esposa, que antes disso é uma mulher, quem “segura”?

Entre todas as exigências do trabalho reprodutivo, boa parte do trabalho de cuidado e, mais especificamente, do cuidado afetivo-emocional está atrelada ao imperativo de bem-estar da sociedade contemporânea, em que há um esforço para evitar ou negar o sofrimento, a revolta, a raiva ou qualquer sentimento caracterizado como negativo. Dessa forma, manter o bem-estar e a felicidade das outras pessoas é mais uma tarefa delegada às mulheres. A teórica feminista Sara Ahmed (2022) apresenta críticas contundentes à concepção de felicidade que nos formata e direciona na sociedade ocidental contemporânea. Ser feliz torna-se uma imposição e uma conquista, fazendo com que o sorriso se torne uma marca da feminilidade. A tristeza deve ser evitada a todo custo – em si mesma e naqueles com quem se convive, gerando alienação, pressão e cansaço nas mulheres. “A felicidade como forma de trabalho emocional pode ser condensada na seguinte fórmula: parecer feliz para fazer outras pessoas felizes” (Ahmed, 2022, p. 101). Trata-se de um modo de funcionamento exaustivo. Nesse sentido, Ahmed (2022) chama a atenção para o fato de que as mulheres em empresas (no caso desta pesquisa, em seus lares) podem estar tão alienadas dos seus sorrisos quanto os trabalhadores estão alienados de seus braços na rotina da fábrica. Para ela, pressão e opressão caminham juntas.

Para além do cuidado com os filhos, algumas respondentes da pesquisa apontam para a responsabilização do cuidado emocional de familiares e

até de terceiros, como exposto a seguir nos relatos (37) e (85) de participantes negras, e (232) e (256), de participantes brancas.

*“Acalmar as pessoas”* (37).

*“Lidar com a ansiedade e o desespero das pessoas”* (85).

*“Conciliar atenção à filha, limpeza e organização da casa com trabalho. Não deixar amigos e demais familiares fora do ciclo de preocupação e ainda tentar manter a sanidade mental, além da falta de um descanso real ou momento só meu”* (232).

*“Auxiliar as pessoas a não perderem a capacidade de pensar e sentir a si mesmas e assim poderem fazer suas escolhas com solidariedade e respeito, não deixando o pânico decidir por elas . . .”* (256).

Os dois relatos das participantes negras, (37) e (85), falam em “pessoas”, não se referindo a familiares ou amigos específicos, indicando a necessidade de, durante a pandemia, continuarem convivendo com outras pessoas no trabalho, nos espaços públicos e no trabalho doméstico. Apresentamos tal interpretação devido a uma pesquisa anterior (Affonso, 2021) que evidenciou diferenças significativas nas realidades de mulheres negras e brancas quanto à sobrecarga de trabalho durante o período pandêmico e para além dele. Sabe-se que as marcas do racismo estrutural na vida das mulheres negras acarretam desdobramentos específicos no âmbito do trabalho, com prejuízos em termos de saúde física e mental (Bento, 2022).

As narrativas (37) e (85) indicam que o trabalho do cuidado afetivo-emocional ultrapassa o espaço privado do lar, mesmo quando não remunerado, e uma tendência de priorizar o cuidado de outros antes do cuidado de si.

Sobre isso, Zanello (2016) afirma que, mesmo que uma mulher não tenha filhos, ela é vista como naturalmente cuidadora, “capaz de ‘maternar’, e devendo empregar esse ‘dom’ no cuidado de outras pessoas: dos pais, irmãos, sobrinhos, doentes da família, etc.” (Zanello, 2016, p. 114), sendo julgada como egoísta se não priorizar o cuidado dos outros. Essa naturalização produz um nível de exigência absurdo nas mulheres, que, sendo humanamente inalcançável, gera um grande sofrimento psíquico (Zanello, Fiuza, & Costa, 2015). No caso das mulheres negras, a herança da escravização manifestada na colonialidade do pensamento contemporâneo as coloca ainda mais em

um lugar de cuidado enquanto servidão (Kilomba, 2019). Federici (2022) aborda, por meio do estudo de Hochschild (1983), os efeitos alienantes das tarefas de cuidado quando realizadas para o mercado, sendo extremamente desgastantes e levando, com o tempo, “a uma profunda sensação de despersonalização e a uma incapacidade de entender seus verdadeiros anseios” (Federici, 2022, p. 262).

As próximas narrativas sobre os maiores desafios frente à pandemia exemplificam a exigência tripla de felicidade, trabalho e cuidado:

*“Inventar brincadeiras, cuidar da irritação coletiva que às vezes toma conta da casa, limpar, arrumar, trabalhar, descansar e ficar feliz”* (18).

*“Medo de como será o futuro, preocupação com muitas pessoas... dar conta de cuidar da cabecinha dos meus filhos... tentar manter uma rotina e ao mesmo tempo ser resilientes com eles também”* (206).

Na resposta (18), de uma participante negra, a lista de tarefas que precedem o desafio de “ficar feliz” ilustra a dimensão longitudinal que separa a participante da felicidade. Inventar, cuidar, limpar, arrumar, trabalhar, descansar e, então, ficar feliz. A tarefa de cuidar da irritação coletiva, presente na lista, descreve particularmente bem o tipo de cuidado afetivo-emocional aqui abordado. No relato (206), de uma participante branca, é revelado o aspecto da saúde mental que caracteriza o cuidado afetivo-emocional, quando ela coloca entre os desafios “cuidar da cabecinha dos meus filhos”. Dar conta do cuidado da saúde mental de filhos e familiares evidencia a especificidade desse trabalho de cuidado e, durante a pandemia, o acúmulo de mais um papel para as mulheres. Além de mães, esposas, trabalhadoras, professoras, enfermeiras etc., o papel de cuidadoras também da saúde mental passa a ser exercido tanto pelas mulheres brancas quanto pelas mulheres negras que responderam à pesquisa.

A dimensão do cuidado em saúde mental como uma tarefa das mulheres é explicitada nas narrativas (13), (53), (54) e (80), de participantes negras, e (164), (250) e (305), de participantes brancas:

*“Ajudar meu filho a vencer a depressão”* (13).

*“Consolidar tarefas de casa com trabalho e dar conta de tudo, inclusive da frustração e depressão do filho”* (53).

*“Deixar minha mãe feliz, calma, com controle emocional”* (54).

*“Zelar pela saúde mental e física do meu esposo, que também está de quarentena, e não me deixar contagiar somente de tristeza, com tanta tragédia”* (80).

*“Manter o isolamento e dar apoio para meu filho, ajudando-o a manter sua saúde mental”* (164).

*“Cuidar para que meu filho de três anos não seja abalado psicologicamente frente à nova realidade”* (250).

*“Manter a família emocionalmente bem”* (305).

Há uma aproximação nos relatos de participantes negras e brancas quanto ao papel do cuidado em saúde mental dos diferentes membros da família. No relato (53), a expressão “dar conta de tudo” como um desafio frente à pandemia é bastante significativa. Como é possível dar conta de tudo? Qual o impacto disso na saúde mental das mulheres? O exercício das múltiplas jornadas com exigências de papéis e performances específicas, que configuram uma sobrecarga desigual e violenta, favorece distintas formas de adoecimento. Junte a isso a histórica e sistemática desvalorização e invisibilidade do trabalho reprodutivo, sua indissociabilidade de nossa história escravagista e um contexto de catástrofe psicossocial que caracterizou a pandemia no Brasil, e faça as contas. A pesquisa do Datafolha/C6 Bank (2020) sobre os impactos da pandemia sobre a população brasileira apresenta em números o que foi visto, sentido e vivenciado na realidade, e que reverbera no presente. Embora o estresse provocado pela pandemia tenha acometido a maior parte dos/as brasileiros/as, a intensidade com que ele se manifesta varia conforme renda, escolaridade, raça e gênero, mostrando que

. . . ao mesmo tempo em que as obrigações com a família aumentaram para as mulheres brasileiras, elas experimentam mais solidão neste período de pandemia do que eles. Enquanto 49% das mulheres se sentem muito isoladas e solitárias, 38% dos homens brasileiros relatam o mesmo. A diferença se amplia quando se observa quem tomou medicamento durante a pandemia para combater a ansiedade: 19% de mulheres versus 9% de homens (“Datafolha/C6 Bank”, 2020).

Com relação ao cuidado da própria saúde mental, foram poucas as participantes que mencionaram a questão, em comparação com os relatos que focam a saúde mental de outros. Quando presente, esse cuidado é colocado como um critério para realizar as tarefas exigidas no momento de crise ou como uma necessidade em relação à preocupação com outra pessoa, configurando mais um dos principais desafios enfrentados no acúmulo de papéis e jornadas durante a pandemia. Entre os relatos a seguir, apenas o (21) é de uma mulher negra, e o (82), (96) e (191) de mulheres brancas:

*“Manter o equilíbrio emocional diante de uma situação financeira fragmentada”* (21).

*“Ser mãe, professora, trabalhadora, mantenedora e manter a saúde mental”* (82).

*“Entreter as crianças em casa, e segurar a ansiedade enquanto o marido sai para trabalhar”* (96).

*“Manter a sanidade para trabalhar, cuidar da casa, do meu pai e do meu filho”* (191).

Os relatos (82), (96) e (191) demonstram o quanto o cuidado de si e da própria saúde mental precisa ser manejado por elas mesmas, não tendo espaço ou direito de serem cuidadas. O relato (21) aborda a situação financeira como um fator estressor importante e que impõe o desafio de manter o equilíbrio emocional. Em resposta aos maiores desafios enfrentados na pandemia, a preocupação com a situação financeira apareceu em mais relatos de mulheres negras do que de mulheres brancas, como vemos nas respostas (14), (33), (36), (50), (51) e (66), de participantes negras:

*“Ficar desempregada e não consegui me bancar”* (14).

*“O setor financeiro com certeza”* (33).

*“A alimentação aumentou os preços. Diminuiu o emprego”* (36).

*“O medo do amanhã de faltar dinheiro, emprego”* (50).

*“Dificuldades financeiras que já vivia antes e que se agravaram com a covid-19”* (51).

*“Por alimentação em casa”* (66).

Nos relatos (156), (184) e (219), de participantes brancas, também vemos a preocupação com a questão financeira, mas apresentada com elementos diferentes:

“A instabilidade financeira!” (156).

“Ficar sem trabalhar, financeiro, por que sempre fui independente” (184).

“Ficar sem sair de casa não tem sido fácil, e tentar fazer com que o salário dê pra comer e pagar as contas, pois estamos fazendo as refeições todas em casa e colocar comida boa não é nada fácil nesse momento, até porque os preços subiram” (219).

As narrativas das mulheres negras sobre a preocupação financeira são marcadas por uma ideia de continuidade da preocupação, indicando que a questão já carregava uma carga estressora antes da pandemia. No relato (51) a participante explicita essa realidade quando coloca “dificuldades que já vivia antes” e se refere ao agravamento da situação no contexto pandêmico. Já no relato (184), de uma participante branca, a preocupação parece estar localizada no momento que estava vivendo, em que o desafio era ficar sem trabalhar, uma vez que sempre fora independente financeiramente. A falta de emprego e o aumento nos preços dos alimentos também aparecem nas narrativas dos dois grupos, com diferentes focos e intensidades. Nas respostas (50) e (66), de participantes negras, o medo de faltar dinheiro e emprego é relatado como desafiador, assim como prover a alimentação e a preocupação direta com a sobrevivência, questão que não aparece nas narrativas das participantes brancas quanto ao fator financeiro. No relato (219), de uma participante branca, não sair de casa é elencado como desafio, e a colocação sobre o preço dos alimentos aparece em relação à qualidade deles ao mencionar que “colocar comida boa não é nada fácil”.

Tanto a pesquisa Datafolha/C6 Bank quanto a pesquisa *Sem parar: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia* (Bianconi et al., 2020) evidenciam o estresse em relação às finanças sendo maior entre pessoas autodeclaradas pretas e pardas e entre as pessoas com menor remuneração. Segundo a pesquisa *Sem parar*, 40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco e “a maior parte das que têm essa percepção são mulheres negras (55%), que no momento em que responderam à pesquisa tinham como dificuldades principais o pagamento de contas básicas ou do aluguel” (Bianconi et al., 2020, p. 14). A preocupação desigual com a questão financeira revela “o caráter estruturante das desigualdades sociais e seus desdobramentos no Brasil,

com a feminização e racialização da pobreza que coloca mulheres negras em maior vulnerabilidade econômica e social” (Affonso, 2021, p. 31). Esta pesquisa também evidencia o quanto o racismo foi um agravante da experiência da pandemia narrada por mulheres negras, presente nas preocupações relacionadas em relação ao preconceito, às dificuldades de acesso à direitos e às questões pregressas ao estado pandêmico, intensificadas nesse período.

Esse cenário reafirma a necessidade de racializar e genderificar o conhecimento e as pesquisas de forma geral e o cuidado em saúde mental das mulheres, em especial das mulheres negras, cujo nível de exposição a fatores de risco para a saúde mental é mais alto do que para mulheres brancas ou homens negros, pela sobreposição de estressores múltiplos – que têm uma sinergia – inerente à interseccionalidade de classe, raça e gênero (Gouveia & Zanella, 2019). Inúmeras pesquisas já apontaram que mulheres com sobrecarga de atividades domésticas apresentam taxas de transtorno mentais mais elevadas, como transtornos do humor, sintomas somáticos, cansaço e perda de ânimo, especialmente entre as mulheres de baixa renda e negras (Santos, 2020, p. 76). Com relação à espacialidade, também se verificou que o espaço doméstico pode representar um fator de risco para a saúde física e mental das mulheres, o que se agravou com o contexto pandêmico.

Diante disso, é inegável o impacto que as tarefas do cuidado e da responsabilidade com a saúde mental e física de terceiros têm na vida e saúde das mulheres. Além disso, o marcador da heterossexualidade na escolha das narrativas possibilitou identificar o que aponta Zanella (2018): em geral, o casamento heterossexual é um fator de proteção à saúde mental dos homens e, para as mulheres, quanto menos igualitária a relação e o investimento na mesma, maior o fator de risco e adoecimento psíquico (Zanella, 2018, p. 97).

A dimensão do cuidado afetivo-emocional revela aproximações importantes nas experiências narradas pelas participantes brancas e negras, mas também expõe diferenças que são marcadas historicamente na intersecção de raça, classe e gênero. Ainda que as mulheres negras e brancas desempenhem o cuidado afetivo-emocional, e tenham essa responsabilidade naturalizada, uma das principais diferenças está no contexto em que esse cuidado foi desempenhado na pandemia. Como evidenciado nas pesquisas anteriormente mencionadas, as mulheres brancas foram

a maior parcela de mulheres que desempenharam o trabalho remoto, com o aumento do convívio familiar que intensificou o trabalho de cuidado. Já as mulheres negras respondentes, que em sua maioria continuaram o trabalho fora de casa, acumularam as jornadas de trabalho com a maior exposição aos riscos durante a pandemia e a preocupação financeira que se intensificou ainda mais. Isso deixa nítido que as relações de cuidado não são relações de igualdade.

Segundo Tronto (2007), o propósito para o qual o cuidado deveria ser direcionado é tornar a sociedade o mais democrática possível. Para Biroli (2018), a divisão sexual do trabalho, enquanto uma dimensão estrutural fundamental das relações de gênero, está relacionada aos limites da democracia, na medida em que a exploração do trabalho e a expropriação do tempo e da energia das mulheres é um fator importante para compreender sua sub-representação na arena da política institucional (Biroli, 2018). Para as mulheres negras, os fatores estressores e de risco são mais intensos, com contextos ainda mais desafiadores e maior exposição a vulnerabilidades balizadas pelo racismo estrutural e estruturante.

Pensando na saúde mental de mulheres, a democratização do cuidado – especialmente do cuidado afetivo-emocional – e sua redistribuição a partir de uma perspectiva interseccional são urgentes e fundamentais para que a equidade possa ser construída. Esse seria o verdadeiro alicerce para uma sociedade efetivamente democrática.

### **Considerações finais**

Dar conta do cuidado da saúde mental de filhos e familiares evidencia a especificidade do trabalho afetivo-emocional e, durante a pandemia, o acúmulo de mais um papel para as mulheres. O trabalho reprodutivo continua sendo um trabalho extenuante e majoritariamente exercido pelas mulheres, e o cuidado afetivo-emocional é parte constituinte, embora totalmente invisibilizada, desse trabalho complexo. Além disso, é necessário refletir sobre o quanto o capitalismo se beneficia dos efeitos gerados pelo cuidado afetivo-emocional das pessoas trabalhadoras

do núcleo familiar, com a reprodução de uma força de trabalho ajustada, disposta e disciplinada para encarar situações estressoras do cotidiano laboral. Consideramos que as concepções de cuidado que circulam em nossa sociedade se alicerçam no imperativo contemporâneo de felicidade, sustentado pelos regimes de opressão – capitalismo, racismo, sexismo e capacitismo – que mantêm a subalternização de diferentes grupos. Atentar para a dimensão de cuidado afetivo-emocional e coletivizar essa discussão politiza o conhecimento, e o debate sobre saúde mental, poder e formas de controle.

Ainda que as mulheres negras e brancas desempenhem o cuidado afetivo-emocional e se sintam responsabilizadas por ele, é importante destacar que os contextos subjacentes diferem. Desse modo, os relatos não podem ser analisados de forma simétrica, pois os desafios enfrentados pelas participantes negras estão engendrados pelos condicionantes do racismo, e seus efeitos operam de forma a agravar a exposição e vulnerabilização a fatores estressores e de risco. Por meio das narrativas coletadas pela pesquisa, vimos que o cuidado afetivo-emocional se fez ainda mais necessário diante dos impactos psicossociais do contexto pandêmico. Por isso, os efeitos dessa demanda crescente na saúde mental das mulheres, articulados aos marcadores de raça e classe, são um campo que exige, de forma urgente, investigação, discussão e construção de políticas públicas. A partir daí, podem-se tecer estratégias de cuidado voltadas a quem cuida, aprofundando a compreensão dos efeitos que essa dimensão do cuidado tem na saúde das mulheres.

As investigações sobre as camadas de trabalho doméstico e de cuidado impostas às mulheres também evidenciam a importância da produção de saberes sobre, por e para mulheres. Como apontado por Dorlin (2021), o saber com base no posicionamento feminista elucida as condições materiais obscurecidas e ignoradas pelo saber dominante, constituindo-se ao mesmo tempo em recurso cognitivo e político. A psicologia, como ciência e campo de atuação que tem como escopo fundamental a saúde mental, precisa urgentemente genderizar e racializar suas práticas e produções.

### **Referências**

- Ahmed, S. (2022). *Viver uma vida feminista*. Ubu.
- Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade*. Letramento.

- Araújo, T. M., & Lua, I. (2021). O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 46. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>
- Affonso, L. (2021). “Dar conta de tudo”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pelotas]. Repositório Institucional da Ufpel. <https://wp.ufpel.edu.br/psicologia/files/2023/01/Luiza-Affonso-TCC.pdf>
- Bellacasa, M. P. (2012). “Nothing comes without its world”: thinking with care. *The Sociological Review*, 60(2), 197-216. <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Bhattacharya, T. (2019) O que é a teoria da reprodução social? *Revista Outubro*, 32, 99-113. [http://outubrorevista.com.br/wpcontent/uploads/2019/09/04\\_Bhattacharya.pdf](http://outubrorevista.com.br/wpcontent/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf)
- Bianconi, G., Leão, N., Ferrari, M., Zelic, H., Santos, T., & Moreno, R. (2020). *Sem parar: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. Mulheres na Pandemia. [https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf)
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: Os limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Bolzan, D. P. (2015). Trabalho emocional e gênero: dimensões do trabalho no serviço social. *Em Pauta*, 36(13), 104-122. <https://doi.org/10.12957/rep.2015.21054>
- Bonelli, M. G. (2004). Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu*, (22), 357-372. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100015>
- Datafolha/C6 Bank: Pandemia é pior para mulheres, pretos e pardos e classes mais baixas. (2020). *C6 Bank Notícias*. <https://www.c6bank.com.br/blog/c6-bank-datafolha-pandemia-e-pior-para-mulheres-pretos-e-pardos-e-classes-mais-baixas>
- Diogo, P. M. J. (2012). O trabalho emocional em Enfermagem como foco de investigação e reflexão. *Salutis Scientia*, (4). <http://www.salutisscientia.esscvp.eu/Site/Artigo.aspx?artigoid=30937>
- Dorlin, E. (2021). *Sexo, gênero e sexualidades: Introdução à teoria feminista*. Crocodilo; Ubu.
- Favero, S. R. (2020). Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(3). [http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/e3518/2397](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3518/2397)
- Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Elefante.
- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo* (vol. 1). Boitempo.
- Federici, S. (2022). *Reencantando o mundo: Feminismo e a política dos comuns*. Elefante.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso&tng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso&tng=pt)
- Freitas, B. H. B. M., Costa, A. I. L., Diogo, P. M. J., & Gaíva, M. A.M. (2021). O trabalho emocional em enfermagem pediátrica face às repercussões da covid-19 na infância e adolescência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200217>
- Góis, T. (2019). Trabalho reprodutivo e bem comum: Entre a luta contra a exploração e a urgência de barrar mercantilização da vida [Apresentação de trabalho]. 1º Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC30/MC302.pdf>
- Gouveia, M., & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>
- Hartsock, N. (1983). The feminist standpoint: Developing the ground for a specifically feminist historical materialism. In S. Harding & M. B. Hintikka (Eds.), *Discovering Reality. Synthese Library* (Vol. 161, p. 283-310). Springer.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2016). *Economia dos cuidados: Marco teórico-conceitual*. [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7412/1/RP\\_Economia\\_2016.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7412/1/RP_Economia_2016.pdf)
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogá.


- Lemos, A. H. C., Barbosa, A. O., & Monzato, P. P. (2020). Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas*, 60(6), 388-399. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>
- Lobo, J. C. (2020). Uma outra pandemia no brasil: As vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, 8(1), 20-26. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1034/832>
- Mascaro, A. L. (2020). *Crise e pandemia*. Boitempo.
- Menezes, C. R., Sá Neto, C. E., & Ferreira, T. (2020). Branca cansada, preta morta: Apontamentos sobre o trabalho doméstico e de cuidados e o contexto de pandemia de covid-19. *Revista Feminismos*, 8(3), 190-207. <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42050/23920>
- Miguel, L. E., & Biroli, F. (2014). *Feminismo e política: Uma introdução*. Boitempo.
- Oliveira, A. L. (2020). A espacialidade aberta e relacional do lar: A arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. *Revista Tamoios*, 16(1), 154-166. <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>
- Paiva, I. L., & Cabral, L. I. (2020). *Notas sobre os efeitos da pandemia na vida das mulheres e a luta feminista*. Observatório da População Infantojuvenil em Contextos de Violência. <https://objjuvufn.medium.com/notas-sobre-os-efeitos-da-pandemia-na-vida-dasmulheres-e-a-luta-feminista-d3dcf78d204>
- Sá, M. C., Miranda, L., & Magalhães, F. C. (2020). Pandemia covid-19: catástrofe sanitária e psicossocial. *Caderno de Administração*, 28(2), 27-36. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53596>
- Saffioti, H. (1987). *O poder do macho*. Moderna.
- Santos, L. S. (2020). *Domesticidade feminina e impactos na saúde mental* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Brasília]. Repositório da UCB. <https://btdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2826>
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E., & Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, 8(3), 149-161. <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114/23913>
- Tronto, J. (2007). Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade e Estado*, 22(2), 285-308. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000200004>
- Turato, E. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Vozes.
- Vilelas, J., & Diogo, P. M. J. (2014). O trabalho emocional na práxis de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 35(3), 145-149. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2014.03.45784>
- Zanello, V. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In V. Zanello, & M. Porto (Orgs.), *Aborto e (não) desejo de maternidade(s): Questões para a psicologia* (pp. 101-120). Conselho Federal de Psicologia.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação*. Appris.
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>

---

Luiza Caetano Affonso

Bacharela em psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), Pelotas – RS, Brasil.

E-mail: luiza.affonso@hotmail.com


 <https://orcid.org/0000-0001-9661-2324>

Camila Peixoto Farias

(Farias, Camila Peixoto)

Professora adjunta do curso de psicologia na Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), Pelotas – RS, Brasil.


E-mail: pfcamila@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3442-5512>

*Giovana Fagundes Luczinski*

Professora adjunta do Instituto de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: giovana.fagundes.rj@gmail.com, giovana.fagundes.rj@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8318-8157>

A pesquisa recebeu financiamento das instituições CNPQ, FAPERGS E UFPEL.

Endereço para envio de correspondência:

Faculdade de Medicina. Curso de Psicologia. Av. Duque de Caxias, 250. CEP: 96030-000. Fragata, Pelotas – RS. Brasil.

*Recebido* 31/10/2023

*Aceito* 24/01/2025

*Received* 10/31/2023

*Approved* 01/24/2025

*Recibido* 31/10/2023

*Aceptado* 24/01/2025

Disponibilidade de dados: os dados da pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003280015>

*Como citar:* Affonso, L. C, Farias, C. P., & Luczinski, G. F. (2025). Dar Conta de Tudo: Pandemia, Trabalho Reprodutivo e Cuidado Afetivo-Emocional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45, e280015.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003280015>

*How to cite:* Affonso, L. C, Farias, C. P., & Luczinski, G. F. (2025). Taking Care of Everything: Pandemic, Reproductive Work, and Emotional Care. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45, e280015.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003280015>

*Cómo citar:* Affonso, L. C, Farias, C. P., & Luczinski, G. F. (2025). Hacerse Cargo de Todo: Pandemia, Trabajo Reprodutivo y Cuidado Afetivo-Emocional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45, e280015.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003280015>